

“Bela, Recatada e do Lar” O Presságio da Eleição de Bolsonaro no Discurso Feminino de Veja¹

Carina Borges RUFINO²

Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP)

Resumo

O presente trabalho busca investigar, por meio de análise de discurso de linha francesa, como o perfil da ex-primeira dama Marcela Temer produzido pela Revista Veja em 2016 antecipa o cenário das eleições 2018, marcado pela polarização entre uma onda conservadora de extrema direita e uma frente progressista vinculada a uma esquerda liberal. O artigo pretende analisar ainda, como a discussão do feminismo, a partir do perfil da ex-primeira dama é utilizado nesse contexto e como os enunciados produzidos pela mídia tradicional se relacionam com os discursos produzidos no âmbito dos espaços virtuais de discussão.

Palavras-chave

Jornalismo; Revista Veja; Análise de discurso; Marcela Temer; Bolsonaro

Corpo do trabalho

Introdução

Quando a revista Veja publica, em 2016, um perfil de Marcela Temer, esposa de Michel Temer que, na ocasião, estava prestes a se tornar a primeira dama do país parecia já estar anunciando, dois anos antes, por meio de um discurso feminino conservador, o cenário em que se daria o processo eleitoral de 2018, que culminou na eleição de Jair Bolsonaro, candidato do Partido Social Liberal (PSL) como presidente do Brasil. Decidido em segundo turno após disputa entre Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), o processo foi marcado por um cenário de polarização entre o que Almeida (2019) chama de lulopetismo, movimento formado pela parcela dos eleitores que ainda se identificavam com o PT e com ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mesmo após os escândalos de corrupção que o levaram à prisão em

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP); e-mail: carinajornalismo@gmail.com

2017, e o chamado bolsonarismo, integrado pelos defensores da pauta dos costumes conservadora com base religiosa defendida por Jair Bolsonaro. Com o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, Jair Bolsonaro vence, assim, as eleições em 28 de outubro de 2018 com pouco mais de 57 milhões de votos e confirma, desse modo, a emergência no país de uma onda conservadora que já vinha se anunciando desde os protestos de rua de 2013, a polarização das eleições de 2014, e o impeachment de Dilma Roussef em 2016, contexto em que foi produzida a matéria de Veja sobre Marcela Temer. O fortalecimento da chamada onda conservadora estaria relacionado também, segundo Almeida (2019) ao próprio processo de declínio da democracia liberal, e escolha de regimes políticos radicais por vias democráticas como ocorreu nos EUA, por exemplo, com a eleição do candidato de extrema-direita Donald Trump, e à derrocada dos governos de centro-esquerda e esquerda na América Latina, após ganharem força nos anos 2000 (ALMEIDA, 2019).

Após ser eleito, então, como presidente do Brasil, as promessas conservadoras de Jair Bolsonaro surtiram efeitos já nas primeiras semanas de governo, quando anunciou a criação, por exemplo, de um Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos sob o comando de Damarens Alves. Pastora evangélica, a ministra, logo no início de seu mandato, lança mão de frases como “menina será princesa e menino, príncipe” e “menina veste azul e menina veste rosa” como proposta ideológica para as políticas públicas de sua pasta. Nota-se, assim, que o conservadorismo do candidato do PSL não só é defendido durante o processo eleitoral como se materializa já logo no início de sua atuação como presidente, resultando na mobilização ainda mais expressiva de segmentos sociais diversos que, desde a campanha do candidato, se organizam em defesa de pautas progressistas ligadas a questões étnicas, de raça, orientação sexual, assim como ambientais, indígenas, entre outras. Entre os grupos sociais que se opõem ao conservadorismo de Jair Bolsonaro destacam-se os movimentos feministas que, na sociedade contemporânea, lutam por igualdade na divisão de postos de trabalho e condições salariais em relação aos homens bem como por políticas públicas que promovam o protagonismo feminino, liberação sexual e enfretamento ao patriarcado, à misoginia e à violência doméstica e familiar. As mulheres, inclusive, vêm sido abordadas de forma polêmica no discurso de Jair Bolsonaro desde antes de sua candidatura à presidência da República. Em 2014, por exemplo, quando ainda ocupava o cargo de deputado federal, o atual presidente, em entrevista ao Jornal Zero Hora, defendeu o

posicionamento de os salários femininos serem inferiores aos dos homens pela possibilidade de a mulher engravidar e poder se afastar do trabalho durante a licença maternidade.

Nota-se, desse modo, que tanto o discurso do candidato, como o da ministra ligada ao seu governo, e o construído pela revista *Veja* em 2016 parecem ir contra as pautas progressistas defendidas por vários movimentos sociais, entre eles, o movimento feminista e ter a intenção de retomar o conservadorismo do passado por meio da defesa da família tradicional conservadora e de um modelo de mulher que se baseia nos papéis de esposa, mãe, e dona de casa como ideal a ser seguido. As discussões alusivas ao conservadorismo em relação às mulheres propostas pelo atual presidente e sua base aliada vêm causando discordância, inclusive, dentro do próprio movimento, entre mulheres que se consideram progressistas, e mulheres que se voltam para a defesa dos costumes conservadores. Assim, pretendemos neste artigo, investigar, por meio de análise de discurso de linha francesa, como a matéria de *Veja* antecipa a eleição de Jair Bolsonaro, que se daria após um processo eleitoral marcado pela polarização formada, de um lado, por um anseio social pela retomada do conservadorismo e, de outro lado, pela mobilização em prol de pautas progressivas. O artigo propõe ainda investigar como a discussão do feminismo, a partir do perfil de Marcela Temer é utilizada nesse contexto. Para isso, traçamos a seguir, um resgate histórico do movimento feminista e das discussões sobre o papel da mulher que se dão em diferentes períodos históricos até a atualidade.

Uma análise histórica do feminismo e da representação social da mulher

As lutas feministas na contemporaneidade se dão em um contexto que parece ultrapassar a relação de poder existente entre homem/mulher. Tem-se hoje, por meio dos movimentos feministas uma luta que vai além do próprio lugar da mulher e convoca à discussão de outras causas políticas e sociais. Entretanto, os movimentos feministas podem ser localizados historicamente por meio de enfrentamentos que se pautam diretamente na relação entre masculino e feminino e que se dão em relação ao patriarcado, à misoginia, à divisão social do trabalho e à repressão sexual feminina. Beraldo (2014) parte da América do Norte como espaço em que se distinguem duas ondas históricas das lutas feministas. A primeira transcorreria na segunda metade do século XIX e início do século XX e a segunda, denominada neofeminismo, perpassaria metade das décadas de 1960 e 1970. Enquanto a primeira onda centra-se na reivindicação de direitos políticos,

como o voto, a segunda volta-se a lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado. Encontra-se ainda, conforme nos aponta Beraldo (2014) uma terceira onda feminista a qual podemos classificar como feminismo contemporâneo, que prolongaria as expectativas do século XIX e reforçaria o lugar da mulher como cidadã, trabalhadora e detentora de autonomia sexual, noção que ganha força particularmente após o advento da contracepção feminina a partir da década de 1960. Tem-se nesse contexto, o que Lipovetsky (2000) chama de "a terceira mulher". Para o autor, o lugar do feminino nesse sentido deixa de ser orquestrado pela ordem social e natural e passa a ser estruturado por uma lógica de livre governo individual, análoga à que organiza o universo masculino.

Se há sentido em falar de revolução democrática a respeito da construção social dos gêneros, é, antes de tudo, por eles agora se encontrarem consagrados ao mesmo "destino", marcado pelo poder de livre disposição de si e pela exigência de inventar a si próprio fora de qualquer imperatividade social (LIPOVETSKY, 2000, p.12).

Assim vemos que, por meio dos enfrentamentos feministas tem-se uma tentativa de deslocar questões atinentes à mulher como submissão e violência, do espaço privado e doméstico para o espaço público e, desse modo, readequá-la a um padrão cultural não mais ditado pela supremacia masculina e pelo afastamento da vida pública. O deslocamento da mulher do contexto de dominação masculina poderia estar associado, assim, conforme nos aponta Bourdieu (2002) à dissociação do lugar de objeto simbólico atribuído às mulheres em relação aos homens.

A dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos (...) tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se esperam que sejam 'femininas', isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa 'feminilidade' muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva do seu ser (BOURDIEU, 2002, p. 82).

A partir do que nos traz Bourdieu (2002) podemos relacionar as lutas femininas a um processo de libertação das amarras impostas por meio das particularidades binárias existentes entre masculino e feminino, que faz com que a mulher assuma um papel na busca por aceitação e atendimento de expectativas que a personificam como um

estereótipo, um modelo padrão. Beraldo (2014) a partir de Beauvoir (1967) trabalha a célebre máxima da autora francesa "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" como forma de ilustrar o contexto de submissão ao qual as mulheres são submetidas na sociedade capitalista ocidental desde a infância e que as conduzem na busca por modelos e padrões sociais impostos e construídos por meio de discursos ideológicos dominantes calcados no cenário de dominação masculina. Os enfrentamentos feministas que surgem a partir daí se pautam, assim, na construção de discursos antagônicos ao modelo dominante e que se inserem no contexto ideológico dos discursos cotidianos apontado por Baccega (2003), a partir de Bakhtin (1988) e que pode resultar na constituição de novas subjetividades a partir de outras dadas. "Portador de uma subjetividade plural, o indivíduo tem condições de reelaborar, de inovar os discursos da sociedade, que são muitos, produzindo outros muitos discursos" (BACCCEGA, 2003, p.22).

Assim, temos no Brasil atual, enfrentamentos feministas marcados por identidades plurais advindas de um também plural universo de discursos relacionados inclusive à própria trajetória histórica do movimento, que se solidifica na década de 1970 com a chamada segunda onda feminista. Com a definição atribuída pela ONU ao ano de 1975 como Ano Internacional da Mulher, a Associação Brasileira de Imprensa cria o Centro da Mulher Brasileira. A partir daí surgem outros espaços de união feminista inclusive em outros lugares do Brasil (BERALDO, 2014). Com fases de retraimento e falta de renovação no movimento, como a vivida na década de 1990, o feminismo avança no Brasil marcado por momentos relevantes como o da instituição da Lei Maria da Penha em 2000, que cria mecanismos de coibição à violência doméstica e familiar contra a mulher. Com o avanço do movimento nota-se cada vez mais um desdobramento de olhares para diversas causas sociais e políticas, uma ramificação de reivindicações que desperta para a mulher um novo olhar, que não o de uma categoria única, estável, mas de sujeitos constituídos por realidades diversas. Mohandý (2008) dialoga com essa acepção ao defender as mulheres como grupos políticos socioeconômicos dentro de contextos locais particulares e não como categoria estável de análise, que pressupõe uma unidade ahistórica, universal, baseada em uma ideia generalizada de subordinação. Assim o movimento feminista se pauta segundo o que Beraldo (2014) por meio de Bondi (2000) vai tratar como "colocar hífen". "As mulheres começaram a se identificar como feminista-negra, feminista-proletária, feminista-lésbica, feminista-judia e assim sucessivamente" (apud Bondi, 2000, p.258).

Nesse contexto, destaca-se junto ao movimento feminista, assim como junto a outros movimentos sociais que perpassam o contexto histórico-político do Brasil, a participação da juventude, principalmente a partir da década de 1990, conforme nos aponta Beraldo (2014). Surgem assim as marchas juvenis particularmente feministas como a "Marcha das Vadias", "Marcha das Margaridas" e "Marcha Mundial das Mulheres" além de grupos feministas como o Femen Br, que têm como característica marcante na atualidade, o ativismo virtual. Este ativismo coloca a Internet como lugar de articulação política lado a lado com o movimento de ocupação das ruas, criando-se assim novos espaços de representação contra hegemônica. A articulação de movimentos feministas nos espaços virtuais suscita, desse modo, a produção de discursos sobre o tema inclusive por parte de sujeitos que não se encontram diretamente ligados ao ativismo político, mas que simpatizam e se identificam com as causas e temáticas levantadas por eles. Fato que se verifica particularmente em espaços virtuais como Facebook, Twitter e Instagram. "É na ideologia do cotidiano, pela sua condição de flexibilidade, que se manifestam os movimentos primeiros das inovações, da produção de novos sentidos" (BACCEGA, 2003, p. 35).

O feminismo contemporâneo apresenta-se então não mais como um discurso que se dá de forma direta em relação ao homem, mas como vozes que se voltam também para outros contextos políticos, sociais e culturais. Dialoga, desse modo, com os apontamentos de Bourdieu (2000) quando postula que o movimento feminista pode ocupar o lugar de uma ação política que considere todos os efeitos de dominação exercidos pelas estruturas incorporadas (tanto entre as mulheres quanto entre os homens) e pelas estruturas de grandes instituições por meio da qual se reproduzem formas de dominação de toda a ordem social. Assim, temos hoje, vozes dos movimentos feministas que ecoam junto a vozes dos movimentos negros, LGBTs, indígenas, entre tantos outros grupos que a todo dia passam por complexos processos de dominação e submissão impostos e naturalizados por processos históricos rígidos, mas passíveis de flexibilização e reorganização, mediante a construção de novos sentidos.

Ideologia e discurso: Análise do corpus

A posse era de Dilma Rousseff, a primeira presidente eleita do Brasil, no ano de 2011. Na ocasião, porém, os holofotes curiosos apontavam para outra mulher. Marcela Temer, esposa do vice-presidente Michel Temer se destacava ao lado do marido pela

beleza e aparente diferença de idade entre seu companheiro. Ela com 27 anos, tranças nos cabelos, saia cor de rosa e blusa roxa, tornou-se o assunto mais comentado do dia 1 de janeiro de 2011. Aos poucos os discursos sobre quem seria aquela mulher ecoavam. Ex-miss, formada em Direito, natural do interior paulista, mãe, eram algumas das características associadas à mulher que, seis anos depois, se tornaria a primeira-dama do país e integraria os discursos socioculturais que se constroem acerca do lugar da mulher na sociedade contemporânea.

Marcela, a partir daquele momento, passaria então a ocupar o espaço dos noticiários em pautas construídas muitas vezes de maneira a elucidar assuntos relacionados à privacidade de sua rotina familiar e doméstica, assim como sua relação com moda, cuidados de beleza e eventos sociais, parecendo despontar em menor número, os conteúdos associados ao universo particularmente político do marido e ao cargo social junto ao “Programa Feliz”, do qual era detentora. Percebe-se, assim, através dos discursos jornalísticos sobre Marcela, desde a visibilidade alcançada em 2011, discrição e até mesmo resistência na publicidade sobre si mesma o que faz com que, mesmo em evidência, consiga manter algo de misterioso entre os holofotes. Até que em 18 de abril de 2016, um dia depois de a Câmara dos Deputados votar favoravelmente ao impeachment de Dilma Rousseff, na iminência então de Marcela se tornar primeira-dama, a revista Veja publica um perfil sobre ela intitulado “Bela, recatada e do lar”, assinado pela jornalista Juliana Linhares, que a levaria a figurar como o assunto mais comentado do dia, viralizado nas redes sociais e incomodado movimentos feministas.

Figura 1: Perfil de Marcela Temer publicado na revista Veja



Fonte: Revista Veja

Mas o que justificaria tamanha repercussão a partir do perfil de uma iminente primeira dama retratado por uma revista de grande circulação nacional? Para tentar responder a essa pergunta podemos associar o perfil publicado pela Revista Veja ao conceito de enunciação, descrito por Bakhtin (1988) como uma réplica do diálogo social, de natureza ideológica e que não existiria fora do contexto social. A produção, pela revista, do enunciado sobre a mulher que viria a se tornar a futura primeira dama do país se relacionaria naquele momento, não só ao contexto social dado, mas também a discursos ideológicos já existentes e a outros que a partir daí se constituiriam corroborando o que nos traz Orlandi (2007) quando aponta que “ (...) não há discursos que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 2007, p.39).

Temos assim uma produção de discurso que nos é dada em um contexto político e social significativo para o país que passava, em 2016, pelo segundo processo de impeachment de um presidente eleito. A nação seria comandada novamente por um homem, após ter uma mulher à sua frente durante cinco anos. Mulher essa que carregava consigo não somente o signo do feminino, mas também do posicionamento político do PT, partido ao qual era filiada, cuja trajetória pautou-se historicamente por discursos ideológicos com orientação de esquerda, que se associam à aspectos sociais como defesa de minorias, igualdade na distribuição de rendas e foco em programas de inclusão social. Além de homem, Michel Temer, vice que se tornaria presidente, percorreria uma trajetória político-ideológica contrária à de Dilma Rousseff. Filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), partido de orientação política centrista com foco na governança calcada em princípios econômicos neoliberais, Michel Temer representaria assim, naquele contexto, algo de parecido com o que Jair Bolsonaro representaria no cenário do processo eleitoral de 2018, o retorno do Brasil a princípios ideológicos conservadores que vigoraram no país com mais força no período anterior à redemocratização (ALMEIDA, 2019).

Marcela Temer é, desse modo, retratada como a mulher que seria o reflexo da imagem que seu marido também representaria naquele momento político e, seu sucessor, Jair Bolsonaro representaria de maneira mais radical quase dois anos mais tarde, ou seja, um retorno ao passado, uma fotografia de um período histórico mais conservador. Vale ressaltar que a produção do discurso nesse caso é feita a partir da Revista Veja, publicação fundada em 1968 por Roberto Civita como parte do rol de publicações da Editora Abril.

Com foco em assuntos políticos e econômicos, o periódico apresenta uma orientação ideológica norteada pela defesa da lógica de mercado e do neoliberalismo econômico que dialoga, portanto, com a proposta política tanto de Michel Temer como de Jair Bolsonaro. Assim ao apresentar a futura primeira dama como “Bela, recatada e do lar”, o discurso da revista parece se basear em um modelo de sociabilidade feminina dado como hegemônico e conservador em décadas passadas quando a emancipação da mulher ainda se apresentava timidamente nos discursos sociais. A revista tende a reforçar ainda, o próprio papel das primeiras damas no Brasil, identificadas simbólica e historicamente com o social, entendido como área de satisfação das necessidades, vulnerabilidades e promoção do bem-estar, que se associaria, segundo Medeiros e Frota (2011), com a própria condição feminina também relacionada a condições de vulnerabilidade, dependência e carência de proteção. Assim, desde a fundação da cultura do primeiro-damismo no Brasil em 1942, com a atribuição da direção da Legião Brasileira da Boa Vontade (LBV) a Darcy Vargas, por seu marido e então presidente, Getúlio Vargas,

a figura da primeira dama desponta como peça fundamental para prolongar e consolidar o estatuto, o poder e a popularidade do marido, passando a ocupar espaços a que ele não chega a produzir discursos e representar papéis que são ‘mais bem entendidos’ pelo fato de partirem de uma mulher (MEDEIROS e FROTA, 2011).

Outras mulheres, após Darcy Vargas, vão reforçar esse papel atuando como primeiras-damas particularmente junto ao social como Rosane Collor, esposa do ex-presidente Fernando Collor que em 1991 assume a gestão da Legião da Boa Vontade (LBV); Ruth Cardoso, mulher do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, com a criação do Programa Comunidade Solidária em 1995 e a atual primeira dama, Michelle Bolsonaro que preside o conselho do Programa Nacional de Incentivo ao Voluntariado, além de atuar em ações de inclusão de pessoas que vivem com necessidades especiais. Marcela Temer, durante o mandato de seu marido, Michel Temer, atuou como embaixadora do Programa Criança Feliz, voltado para o estímulo ao desenvolvimento infantil simbolizando, portanto, o lado afetivo, privado e social do governo do marido, num contexto de dissociação das atividades de caráter político e intelectual a ele reservadas.

Constrói-se então, no perfil da ex-primeira-dama traçado por Veja, já no título da matéria, um estereótipo da “moça de família” para as quais, segundo Bassanezi (2000) voltam-se valores como respeito social, recato, discrição e cuidado. Outra característica

apontada por Bassanezi (2000) em relação ao estereótipo de “moça de família”, também sugerido por Veja, é a busca pela possibilidade de um casamento para as solteiras e de uma vida como dona de casa e rainha do lar para as casadas, que se utilizavam de elementos como vestuário e produtos de beleza como forma de agradar ao marido. O subtítulo do perfil retratado por Veja reforça ainda, o fato de Marcela ser 43 anos mais jovem que o marido, gostar de vestidos na altura dos joelhos e sonhar em ter mais um filho com Michel Temer. A tentativa parece ser a de, por meio da construção do estereótipo da “moça de família” criar um modelo de mulher a ser seguido como o ideal. Baccega (1998) ao abordar o conceito de estereótipo o trará como um elemento que:

(...) comporta uma carga adicional do fator subjetivo que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos que vão influenciar o comportamento humano. Ele se manifesta, portanto, em bases emocionais, trazendo em si, como já dissemos, juízos de valor pré-concebidos, preconceitos, que atuam na nossa vontade (BACCEGA, 1998, p.10).

Nota-se então que o estereótipo é apresentado como um conceito, uma realidade dada a ser seguida. Entretanto, segundo Baccega (1998), os estereótipos vêm acompanhados da dissimulação da carga negativa que carregam. “(...) tornando claro a todo momento que temos de distingui-los dos conceitos, que eles não são conceitos”. (BACCEGA, 1998, p.11). O estereótipo de “moça de família” construído como um modelo de mulher é reforçado ao longo do texto por frases como “mulher de sorte”. Sorte esta que estaria relacionada a jantares românticos em ambientes sofisticados e exclusivos, apelidos carinhosos e proteção, não só por parte de um marido provedor como também de profissionais contratados para esse fim. O filho Michel é retratado como “Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha”. O uso do diminutivo no enunciado de maneira a retratar a forma carinhosa que uma mãe pode utilizar para se referir ao filho parece reforçar o lugar de Marcela como o de mãe carinhosa, acolhedora e exemplar. Em seguida, destaca-se o papel de “do lar” utilizando-se para esse fim, a negação ou desvalorização de seus atributos profissionais.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Formam-se, dessa maneira, o que Orlandi (2007) chama de formações imaginárias. Para a autora, não são os sujeitos físicos tal qual estão inscritos na sociedade que funcionam no discurso, mas sim a imagem e as projeções que fazemos deles. ‘São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições do sujeito no discurso’ (ORLANDI, 2007, p. 40). Assim, a formação imaginária que se produz a partir do discurso remete a um modelo de mulher cujo esforço concentrava-se em, segundo Rocha- Coutinho (1994), reforçar o papel biológico da maternidade e pensar a posição social feminina a partir do marido, da casa e da criação dos filhos. Cabe à mulher, nesse papel, exercer sua função de procriadora e de assegurar herdeiros, bem como as atividades de administração do lar, sendo responsável pelo sucesso, êxito e bem-estar da família.

A moda e os cuidados com a beleza parecem ser outros elementos dos quais Marcela se apropria, conforme o enunciado, para estar em consonância às expectativas do marido e ao lugar social ocupado por ele assim como para valorizar a imagem de recatada, corroborada pela própria irmã. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras, conta a estilista Martha Medeiros”. “Olhar as redes sociais e manter o marido informado sobre a temperatura ambiente é uma das funções práticas executadas por Marcela, segundo o enunciado, além da rotina de esposa, mãe e dona de casa. Sua presença na vida do marido parece que o faz “mergulhar num outro mundo”. Desse modo, verifica-se uma construção de sentido que coloca Marcela em um lugar de dedicação maior ao marido do que até a ela mesma, como forma de atenuar o lado burocrático e pesado da vida do político, o que o levaria até a escrever poemas para sua amada, segundo a matéria, despindo-se do papel imposto por sua pessoa jurídica.

“Michel é um homem de sorte”. O texto termina com a afirmação feita em seu início sobre Marcela por meio da qual é possível se estabelecer uma associação entre a sorte dela em ter um marido provedor, que garanta segurança e conforto à sua vida, e a sorte dele por ter ao seu lado uma mulher “bela, recatada e do lar”, apresentada durante o discurso como um modelo ideal a ser seguido para atender às expectativas de um casamento. Podemos dizer, desse modo, com base em Orlandi (2007) que Marcela, no enunciado, apresenta-se como um sujeito condicionado pela discursividade e pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo de produção das palavras. Cria-se por meio do discurso, o imaginário de uma mulher que, ao se colocar na posição de servir

ao marido, ao filho e ao lar de maneira incondicional, tem em troca conforto, proteção e uma certa ideia de felicidade.

Entretanto, o modelo de mulher retratado pela Revista Veja provoca, na ocasião, a reação de mulheres que nele não se encaixavam e assim, outras tantas Marcelas soltaram sua voz e construíram seus próprios discursos de questionamento através das redes sociais naquele 18 de abril de 2016, o que se repetiria durante o processo eleitoral de 2018 como forma de enfrentamento aos discursos conservadores adotados pelo candidato do PSL em relação tanto ao papel da mulher como a outras causas ligadas a segmentos sociais considerados minoritários.

Considerações finais

Vê-se por meio da análise do discurso construído pela Revista Veja na matéria "Bela, recatada e do lar" a intenção de colocar o perfil da "moça de família", protegida e à sombra de uma figura masculina como um padrão a ser seguido como ideal. No contexto de destituição de uma mulher do cargo de presidente, o perfil pode ser analisado até mesmo à luz de um contraponto com o da então presidente Dilma Rousseff, cuja imagem se pautou por elementos de força, deslocada dos padrões comuns e hegemônicos de feminilidade. Ao retratar Marcela Temer de forma elogiosa e destacar atributos que a associam a uma imagem de distinção, recato e submissão, a revista reforça, no enunciado, o perfil de mulher conservadora que abre mão de atividades profissionais para se dedicar exclusivamente ao marido, à maternidade e aos cuidados com a casa. Desse modo, a publicação pode ser analisada hoje, como um presságio do processo eleitoral de 2018 que se constituiria mediante a polarização entre o discurso conservador preconizado pelo candidato do PSL eleito como presidente do Brasil e o discurso progressista defendido pelo candidato do PT, Fernando Haddad, seu oponente no segundo turno. Veja, através da construção do perfil de Marcela Temer parece legitimar, assim, um modelo de feminilidade que remete a um passado nostálgico e utópico defendido pelo candidato e que seria resgatado inclusive pela atual primeira-dama, Michelle Bolsonaro na cerimônia de posse do marido, quando pareceu se inspirar na aparência "recatada" da ex-primeira dama destacada por Veja. Assim como Marcela, que nas duas cerimônias de posse presidencial de Dilma Rousseff e de seu marido como vice-presidente optou pela cor rosa na vestimenta, Michelle também escolheu um vestido da mesma cor na posse de Bolsonaro demonstrando simbolicamente, por meio da roupa, a intenção de reforçar

aspectos essencialistas de feminilidade como recato, discrição e delicadeza (BARNARD, 2003).

Figuras 2 e 3: Cor rosa escolhida nas cerimônias de posse por Marcela (figura 2) e Michelle (figura 3) é associada a aspectos essencialistas e conservadores de feminilidade como recato, delicadeza e discrição.



Fontes: Portal R7 e Portal Yahoo

A revista antecipa, desse modo, ao seu leitor, a confirmação de um processo marcado por um anseio social pela retomada do conservadorismo nos costumes e pela ascensão de movimentos de direita ao poder. Processo esse que se inicia nas jornadas de rua de 2013, se intensifica no contexto do impeachment de Dilma Rousseff, e se concretiza em 2019 com a vitória de Jair Bolsonaro para a presidência. No entanto, em um cenário marcado pelo fortalecimento de enfrentamentos feministas em prol da emancipação feminina, liberdade sexual, igualdade nas condições de trabalho, entre outras questões, e formas de ativismo que vão além das ruas, passando também por espaços virtuais de discussão, o enunciado de *Veja* ecoou, na ocasião, como contraditório para muitas mulheres e resultou em uma campanha virtual de posicionamento contrário nas redes sociais. Por meio da campanha, para a qual foi criada uma *hashtag* com o título da matéria, mulheres se colocavam em imagens cujos contextos destoavam do perfil retratado pela revista. O resultado foi a divulgação de mulheres trajando roupas curtas, tomando bebidas alcoólicas e trabalhando, como forma de valorizar o lugar da mulher no contexto em que ela escolher e quiser. Os protestos em relação ao conservadorismo feminino proposto no texto de *Veja* pareciam antecipar ainda, a forma de organização social e política de enfrentamento a discursos conservadores, que se tornariam cada vez mais frequentes nos espaços virtuais de discussão tanto durante o processo eleitoral de

2018 como já durante o mandato de Jair Bolsonaro como presidente. Um exemplo refere-se à ocasião, em janeiro de 2019, em que a ministra Damares Alves propôs que “meninas vistam rosa e meninos vistam azul” e mulheres se organizaram em torno de mensagens e imagens veiculadas em redes sociais vestindo azul como forma de protesto.

Além das redes sociais, o discurso de manifestação de repúdio à matéria de *Veja* figurou, em 2016, inclusive em outros veículos de comunicação como a *Revista Carta Capital* que, quatro dias depois, criticou o conteúdo de forma contundente com o título: "Bela, recatada e do lar: matéria da *Veja* é tão 1762", de maneira a reforçar a intenção de *Veja* em retomar e legitimar períodos históricos conservadores por meio do papel feminino representado através de Marcela Temer. Com posição ideológica contrária à da *Revista Veja*, de viés voltado a uma ideologia de esquerda liberal, a crítica à matéria pela *Carta Capital* pode ser interpretada também como uma crítica ao novo cenário político que se configurava naquele momento.

Ao considerarmos o princípio da interdiscursividade na análise de discurso que, segundo Baccega (2003), implica no diálogo com outros discursos, infere-se então que o texto da revista *Veja* possibilita construções ideológicas para o perfil de Marcela Temer que vão além das páginas da publicação, a partir de um diálogo que se constrói simbolicamente por meio de discursos de contextos históricos passados e de outras construções discursivas que, a partir dali se delinearão. Desse modo, podemos concluir que os discursos políticos construídos pelos meios de comunicação podem atuar direta ou indiretamente nos processos eleitorais de maneira não só a refletir os contextos políticos nos quais se encontram inseridos, mas também de modo a resgatar e legitimar contextos de outros períodos históricos e até mesmo antecipar, de maneira simbólica, o que se pode configurar futuramente em determinada sociedade. Podem ainda contribuir para o surgimento de outros enunciados, em espaços de comunicação não tradicionais, que estabeleçam relações de enfrentamento, questionamento ou resistência entre imprensa, ideologias políticas e sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronald. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP*, Vol 38, nº 1. São Paulo, 2019.

BACCEGA, Maria Aparecida. *O estereótipo e as diversidades*. Comunicação & Educação, São Paulo: ECA-USP, vol. 5, no 13, 1998.

_____. *Palavra e Discurso - história e literatura*.

_____. *Estudos de Comunicação e Análise do Discurso: Teoria e Prática*. São Paulo: Intermeios, 2015.

BARNARD, Malcom. *Moda e Comunicação*. São Paulo: Rocco, 2003

BASSANEZI, Carla. As mulheres dos anos dourados. In Del Priore, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

BAKHTIN, Michael. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BERALDO, Beatriz. *Por saias e causas justas: Feminismo, comunicação e consumo na Marcha das Vadias*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. São Paulo, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FROTA, Maria Helena de Paula. A ascensão da mulher à esfera pública e a intervenção no social: primeiro-damismo e assistência social. *Repositório Institucional*. Fortaleza: UFC, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Terceira Mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por Trás dos Panos - a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes (2007).

Sites

Revista Carta Capital. *Bolsonaro em 25 frases polêmicas*. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em 19/09/2019;

Revista Veja. *Bela, recatada e do lar*

Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 19/09/2019.